

BRASIL: UMA VISÃO GERAL DO PROCESSO DE FORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE SEU TERRITÓRIO, DESDE O SEU DESCOBRIMENTO, COM O SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS CIDADES, ATÉ MEADOS DO SÉC. XX

META

entender o início da formação do território brasileiro, desde o início da colonização, do século XVI até meados do século XX.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Entender o início da formação do território brasileiro, a partir da colonização;
analisar, de forma geral, o processo de organização econômica do Brasil, na época colonial, imperial até chegar a fase de República;
descrever o processo de urbanização do Brasil desde a sua colonização até a década de 1940.

PRÉ-REQUISITOS

Entender, de forma geral, como a divisão internacional do trabalho, através da globalização, influenciou na formação do território brasileiro e na estruturação de sua economia.



(<https://fnnpea.bay.livefilestore.com>).

INTRODUÇÃO

Pessoal, como vai?

Vocês devem estar lembrados que, na aula passada, estudamos como a divisão internacional do trabalho foi consolidada e determinou, mundialmente, a qualificação da mão-de obra das populações dos países pobres, ou seja, ficou delineado e confirmado que as nações ricas determinariam em que patamar de desenvolvimento diferenciado estariam os países ricos e os pobres. Com isto, no caso do Brasil, seu território e sua população já “nasceram” dependentes e determinados a viverem a reboque das imposições feitas pelo desenvolvimento das forças produtivas, de forma diferenciada. Os países ricos produziram artigos industrializados, de ponta, e os países pobres consumidores, produtos industrializados secundários.

Nesta 8ª aula, vamos estudar o início da formação do território brasileiro, a partir da sua colonização. Para isto, vamos fazer uma análise histórica, desde o “descobrimento” do Brasil com sua colonização, em 1500, até o início do século XX, mais ou menos até a década de 1940. Faremos um breve retrospecto histórico da estruturação do território brasileiro e de sua economia inicial. Não pretendemos aqui rever todo o processo de colonização, mas utilizar alguns acontecimentos históricos que influenciaram na formação do território brasileiro, visando a entender como foram sendo construídas as primeiras cidades no Brasil. Para isso, revelaremos, de forma geral, alguns aspectos da formação das principais cidades brasileiras que foram criadas a partir do século XVI.

Além de analisarmos o processo histórico de seu descobrimento, vamos identificar os aspectos políticos e econômicos que levaram o País a sua formação e enquadraremos o Brasil dentro do contexto mundial. Neste sentido, é de fundamental importância rever o processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista comercial, manufatureiro, até o industrial, estudados nas aulas anteriores.

O desenvolvimento do sistema capitalista comercial ocorreu no mesmo período em que foi “descoberto” o Brasil. Na Idade Moderna, mais especificamente a partir do século XVI, as nações hegemônicas mundiais, Portugal e Espanha, como vimos nas aulas passadas, procuraram novas fontes de matérias-primas e mão-de-obra barata, para tentar resolver suas dívidas e ampliar o comércio.

Assim, em 1492, foi descoberta a América, e dois anos depois, conseqüentemente, o Brasil. Com o domínio do território brasileiro por Portugal, decorrente do Tratado de Tordesilhas, iniciou-se a colonização, o desmatamento e o povoamento do litoral brasileiro. Assim surgiram as primeiras vilas, que mais tarde se transformaram em cidades.

A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Vamos discorrer sobre o início da ocupação do território brasileiro: foi datado do final do século XV, quando o continente europeu vivenciava o capitalismo comercial; nesta época, a busca por novas terras era fundamental para expandir o poder econômico de algumas nações dominantes, como Portugal e Espanha. Estas nações, além de buscarem a conquista de novos territórios, necessitavam, também, de novos produtos para desenvolver a sua economia. A descoberta da América, no final do século XV, em 1492, revelou aos reis de Portugal e Espanha que as novas terras eram, a princípio, ricas em tesouros, como ouro, prata e minerais, de forma geral. Para partilhar o território e não haver mais guerra, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas: o que se encontrava à parte leste do território brasileiro, ficou sob a posse e domínio de Portugal. Neste sentido,

“a produção do território brasileiro foi iniciada pelos colonizadores portugueses que aqui chegaram no último ano do século XV, levando a efeito a conquista e a colonização nas primeiras décadas do século XVI”. (ANDRADE, 1999, p.23).

Vejam bem, meus caros alunos, no início do século XVI, os portugueses começaram o reconhecimento do litoral, nas imediações onde hoje é o Nordeste e, mais especificamente, Salvador (Bahia). Posteriormente, começaram a sua ocupação. Segundo Andrade (1999), para a ocupação do território brasileiro, foram definidas quatro grandes áreas de interesse, onde deveriam iniciar a ocupação do litoral, de Norte a Sul. Assim, essas áreas foram distribuídas pela costa, desde o Cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, até a região de Cananéia, em São Paulo. Eram áreas com extensões variadas, das maiores, como a do Nordeste brasileiro, região dominada por Olinda; outra dominada por Salvador se estendia até Sergipe, onde se localizava a cidade de São Cristóvão. A terceira área de ocupação se situava onde hoje é o Estado de São Paulo, mais precisamente na área que engloba São Vicente e Santos. A quarta área era formada pelo Rio de Janeiro, onde posteriormente foi fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Segundo Manoel Correia, existiam, além dessas áreas,

“... pequenos pontos onde os portugueses se estabeleceram, ou conquistando a confiança dos indígenas, ou em consequência de expedições colonizadoras. Mas eram pontos com povoações inexpressivas, em que a pressão indígena era forte, como Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, Paraíba do Sul e Cananéia”. (Idem, p.25),

De início, entre 1500 e 1535, os portugueses enviaram naufragos, degredados ou traficantes de pau-brasil para conhecerem, inicialmente,

Tratado de Tordesilhas

Foi um tratado assinado entre Portugal e Espanha, no século XV, para regulamentar as terras conquistadas. Assim em 7 de junho de 1494, em Tordesilhas, Espanha, assinaram o Tratado de Tordesilhas, onde foi definido o primeiro limite territorial do Brasil, estabelecendo uma linha imaginária a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde (África), que dividiria o mundo entre Portugal e Espanha. As terras a leste desse meridiano seriam portuguesas, e as terras a oeste seriam espanholas).

os hábitos e a cultura dos povos indígenas. Contudo, este objetivo de conhecer a cultura dos índios era para poder facilitar o domínio e não para preservar ou cuidar de seus interesses. Além de iniciar o contato com os índios, os portugueses fizeram desmatamentos da vegetação litorânea e das florestas, utilizando também queimadas e várias formas de impacto ao meio ambiente e à população autóctone. Tentaram escravizar os índios, o que foi difícil, visto que eles fugiam; então, foi escravizado o negro, vindo da África, como mão-de-obra para diversos serviços.

Segundo o autor citado acima, quando surgiram as primeiras cidades, alguns núcleos urbanos já haviam se formado no Brasil. Primeiro foi São Vicente, em 1532; depois de dezessete anos, foi fundada Salvador, em 1549 e Filipéia de N.Sra. das Neves, hoje João Pessoa, em 1585.

Para esclarecer o processo de ocupação do litoral, vamos continuar descrevendo as palavras de Manoel Correia (Idem, p. 25):

“O comércio do pau-brasil, iniciado no século XVI, teria dado origem à fundação de feitorias que depois se transformaram em vilas e povoações”.

Vocês sabiam que entre os anos de 1500 e 1535 foi dado um grande impulso à colonização? Na época, ocorreu um processo de aculturação, miscigenação, conhecimento dos costumes e da alimentação dos índios. Também foi realizado um grande desmatamento da costa e, posteriormente, foi dado início à plantação da cana-de-açúcar trazida das ilhas do Atlântico. Foram realizadas ainda várias queimadas, abertura de caminhos e depois construção de algumas estradas. Neste período, os portugueses enfrentaram os franceses que tentavam controlar o comércio do pau-brasil. Após a expulsão dos franceses, no século XVII, os portugueses estendem sua conquista para a foz do Amazonas. Depois conquistam as terras onde hoje se encontra Sergipe, Recife e Olinda e ainda no século XVII, avançam mais para o Sudeste, fundando D. Sebastião do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos.

O CICLO DA MINERAÇÃO

Gente, vamos falar agora sobre os ciclos econômicos no Brasil de outrora.

Os portugueses estendem a conquista para o interior do sertão nordestino, seguindo o curso dos rios e assim expandem a criação do gado extensivo. Na região do Sudeste, com os bandeirantes, passam a interiorizar a conquista para o Centro-Oeste. Assim, exploram os diamantes e as minas de ouro porque, desde o início do século XVII, ocorreu um rápido aumento da produção de ouro, mediante um acordo feito com a Inglaterra; isso impediu o desenvolvimento manufatureiro no Brasil, pois o País

deveria exportar toda a sua produção de ouro para a Inglaterra, que devido a isso teve o sistema econômico mais sólido da Europa.

Portanto, com o ciclo da mineração, aconteceu uma mudança na estrutura da população brasileira, uma vez que

“Ao Brasil o ouro permitiu uma grande expansão demográfica, que trouxe alterações fundamentais à estrutura de sua população, na qual os escravos passaram a constituir minoria e o elemento de origem européia, maioria”. (FURTADO, 1920, p.34-35).

Se o ciclo do ouro trouxe um forte desenvolvimento para a Inglaterra, por outro lado aumentou a dependência do Brasil para com esse país. No séc. XVII, o comércio do ouro impulsionou a ocupação do interior do Sudeste, o que fez surgirem várias estradas e novas ocupações populacionais que favoreceram a interiorização do território, mas também muitas revoltas e morte de indígenas, pois

“...a febre do ouro que tomou conta do Brasil, no crepúsculo do século XVII, revolucionou a colônia de todas as formas concebíveis: provocou um imenso e desordenado êxodo populacional que esvaziou as cidades; causou um considerável aumento no preço dos escravos, dos rebanhos e dos víveres; forçou reformas políticas de vulto; levou milhares de indígenas à extinção e abriu novos caminhos de penetração, incorporando regiões até então ermas e inexploradas. Fez mais: ajudou a enfraquecer o ciclo do açúcar, deixando plantações entregues às ervas daninhas.” (BUENO, 2003, p.100). (Grifo nosso)

Segundo o mesmo autor, citado entre os anos de 1693 e 1694, o Brasil já produzia cerca de 840 toneladas de ouro, tornando-o o maior produtor mundial deste produto. Durante o século XVIII, a corrida do ouro provocou a migração para o interior do Sudeste de mais de 400 mil pessoas, mudando os costumes e os interesses da época. Entretanto, após a segunda metade do século XVIII, este ciclo começou a entrar em decadência.

“O último quartel do século XVIII veria a decadência da mineração do ouro no Brasil. A Inglaterra já havia, sem embargo, entrado em plena revolução industrial. As necessidades de mercados cada vez mais amplos para as manufaturas em processo de rápida mecanização impõem nesse país o abandono progressivo dos princípios protecionistas.”(FURTADO,1920, p.35).

Com isso, a Inglaterra e o Brasil buscam outras formas para resolver esta crise; na Inglaterra, a Revolução Industrial favoreceu o seu crescimento econômico. A família real portuguesa foi forçada a vir para o Brasil, no começo do século XIX, em 1808, trazendo o desenvolvimento em

diversas áreas. O príncipe D.Pedro era ainda uma criança. Torna-se imperador e em 1822 proclama a independência política do Brasil.

O CICLO DA BORRACHA

Vejam este outro ciclo importante!

No início do século XIX, o ouro já estava em decadência e outro ciclo econômico passa a revolucionar a vida no Norte do Brasil, aumentando de maneira estupenda a sua população. É o ciclo da borracha:

“Em 1830, Manaus se chamava Barra e era uma vila de três mil habitantes. Em 1880, a cidade tinha 50 mil habitantes e exportava doze mil toneladas de borracha para a Europa. A terrível seca de 1877-79, no Ceará, provocara um fluxo migratório para o Amazonas e os retirantes viraram seringueiros, esvaindo a selva de oito milhões de árvores espalhadas por três milhões de quilômetros quadrados. As ruas, hotéis e cafés de Manaus fervilhavam, repletas de banqueiros ingleses, investidores americanos e prostitutas francesas. A cidade tinha trezentos telefones, dezesseis quilômetros de linhas de bondes elétricos e três linhas de navegação que ligavam à Europa e aos EUA. Em 1896, foi inaugurado um dos primeiros teatros do Brasil, o fabuloso Amazonas, decorado com opulência. Mas em 1904, quando Manaus estava no zênite, exportando 80 mil toneladas de borracha por ano, as sete mil sementes de seringueira que o inglês Henry Wickham contrabandeara trinta anos antes enfim brotavam na Malásia. Em breve, fariam a produção brasileira ruir como um castelo de cartas. Em 1906, Manaus havia virado quase uma cidade-fantasma.” (BUENO, 2003, P.167) (Grifo nosso).

O CICLO DO CAFÉ

Abrimos aqui parênteses para fazermos um retrocesso no tempo e falarmos de outro ciclo. No séc.XVIII, antes de a independência acontecer, o café chega ao Brasil, movimentando o comércio

“ Em 1727, o oficial português Francisco de Mello Palheta retornou da Guiana Francesa trazendo as primeiras mudas da rubiácea que mudaria a história do Brasil – econômica, política, social e ecologicamente.” (Idem, p.197)

A produção de café movimentou o comércio, no Brasil, e principalmente, no Sudeste, sua participação na economia fortaleceu a região. Aumentou a migração entre as regiões, impulsionou a urbanização, gerou as melhorias nas cidades, tudo isso em decorrência da exportação deste produto.

Entre 1821 e 1830, o café respondia por apenas 18% do total das exportações brasileiras. De 1831 a 1870, passou a ser responsável por

50%. A partir de 1871, o Brasil começou a colher cerca de cinco milhões de sacas por ano – a metade da produção mundial. O café gerou uma nova classe social – e a seguir política. Fez o país criar ferrovias e aparelhar os portos do Rio e de Santos. Mais tarde incentivaria a vinda dos trabalhadores assalariados – e derrubaria o império que ajudara a tornar fulgurante. (Idem, p. 198) (Grifo nosso).

Como vocês veem, a produção e exportação do café transformou a economia e as cidades onde existiam os grandes cafezais. Com a abertura de novas estradas e ferrovias, o comércio e a migração se intensificou, estimulando a urbanização e o surgimento necessário da classe operária assalariada, visto que se multiplicaram as fábricas e os depósitos de café, como também o sistema bancário. Assim, o território foi sendo definido, com suas diferentes economias e inovações nas forças produtivas. Só na primeira metade do século XIX, segundo Celso Furtado, é que ocorre a definição do território brasileiro e a sua efetiva independência política. “A primeira metade do século XIX constitui um período de transição durante o qual se consolidou a integridade territorial e se firmou a independência política”. (Idem, 1920, p.37).

A partir da metade do século XIX, passa a ocorrer a consolidação do território brasileiro, devido à sedimentação da economia, baseada, principalmente, na produção e no comércio internacional do café, primeiramente com os Estados Unidos, que era o seu principal importador.

O CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR

Vamos aos engenhos, meus alunos.

A expansão e ocupação do território se deram de forma irregular, pois sua vastidão e as condições precárias da época não permitiam realizar uma ocupação uniforme em todas as regiões, tornando algumas áreas mais desenvolvidas que outras. Das áreas ocupadas, as que mais prosperavam eram Olinda/Recife e Salvador, tanto pelo aumento da população, quanto pela produção econômica, uma vez que produziam açúcar, desenvolviam a pecuária e também uma agricultura de subsistência.

A cana-de-açúcar desenvolvida no Nordeste foi destinada ao mercado da Europa. Com o aumento da produção do açúcar e para atender ao consumidor europeu, foi necessário mais mão-de-obra. Assim, o indígena foi forçado a trabalhar como escravo, devido à necessidade de aumentar o ritmo da produção, mas os índios se revoltam e fogem. Também por motivo de costumes, os índios não se adaptavam às condições de trabalho forçado e de ritmo acelerado. Com isto, a produção caiu e foi necessário utilizar a mão-de-obra dos africanos.

“A economia açucareira ficou tão dependente do aporte de escravos negros que, ao conquistarem Pernambuco, os holandeses trataram de conquistar também Angola, porque, dizia-se”, Pernambuco é o açúcar, o açúcar é o negro e o negro é Angola”. (ANDRADE, 1999, p.29).

Várias unidades de produção de açúcar se estenderam pelo Nordeste, onde cada engenho era constituído pela casa-grande, que ficava na parte mais alta e pela senzala, na parte baixa, onde os negros dormiam, descansavam e às vezes dançavam um pouco. Os grandes engenhos eram construídos às margens de grandes rios ou lagoas, as terras eram vastas para a produção da cana-de-açúcar, para criar gado e algumas culturas como milho, mandioca e legumes em geral. A cultura da cana-de-açúcar favoreceu o crescimento de várias áreas que foram se urbanizando, como Salvador e Olinda. Estes centros eram muito concorridos e disputados por franceses, portugueses e outros povos europeus.

Neste processo de colonização e conquistas territoriais, novos centros urbanos foram sendo estruturados, bem como ocorreu a formação de um território, que ficou mais ou menos definido, embora pela sua vastidão não se podia comandar e sustentar as populações que tinham funções de organizar e doutrinar as populações autóctones. A colonização se estendeu de tal forma de Norte ao Sul, que foram redistribuídas as terras através de sesmarias, objetivando controlar o território, sua população e produção.

No século XVIII, a expansão portuguesa foi ampliada e consolidada ao Norte, com a ocupação da Amazônia, levando o homem e o gado a áreas muito distantes, como o atual território do estado de Roraima, barrando o avanço de outros colonizadores, e ao Sul, tentando estender o território até o rio do Prata, com a criação da Colônia do Sacramento. Fracassada a política platina, trataram de povoar o litoral sul, levando para lá os colonos açorianos afeitos à pesca e à agricultura familiar. (Idem, p. 36).

Percebem como foi um processo complexo o de ocupação e formação do território brasileiro? A colonização ocorreu mediante várias lutas e guerras por terras e matéria-prima. De Norte a Sul, o território foi sendo organizado, segundo as intenções dos reis europeus. Neste sentido, a estrutura do território sofreu inúmeras influências de várias nações, com interesses diferentes dos povos autóctones. No século XIX, o Brasil passou de colônia a império; a coroa portuguesa, mantendo o interesse e a necessidade de ter um território para continuar o seu poder, envia a família real para o Brasil, onde se instalou e tornou o território independente da Europa (1822).

O CONTURBADO SÉCULO XIX NO CENÁRIO MUNDIAL

Neste período, século XIX, o mundo estava passando por várias transformações, decorrentes das inovações técnicas e científicas da Revolu-

8

ção Industrial, que fizeram crescer as cidades na Europa e estendem a colonização para as regiões da Ásia, como foi o caso da Índia, que sofreu fortemente a colonização britânica. Com isto ocorreu a urbanização (Box) Processo de migração constante da população das áreas rurais para as cidades) e as populações das cidades aumentavam cada vez mais e com isto havia a necessidade de novas terras para povoar e distribuir uma população pobre e até de criminosos. Assim, várias migrações de povos europeus e asiáticos chegaram ao Brasil.

No final do século XVIII e início do século XIX, a Inglaterra estava passando por grandes transformações na vida urbana. O processo de mudanças decorrentes da Revolução Industrial tinha estimulado a concentração populacional nas cidades e com isto surgiu um grande contingente de desempregados e miseráveis, surgindo e expandindo as revoltas típicas de áreas urbanas, tais como busca por melhores salários, protestos contra as péssimas condições de moradias e dos altos impostos, que não eram empregados na melhoria da infra-estrutura urbana, como esgoto, fornecimento de água potável, pavimentação das ruas etc. Neste mesmo período, as fábricas e indústrias se multiplicam por várias regiões, produzindo mais ainda desempregos e um “exército industrial de reserva” (MARX), o que fez aumentar os protestos por melhores condições de trabalho e surgem, também, as revoltas contra as ‘máquinas’, o movimento ‘Lunista’ ou ‘o **Ludismo**’

Este movimento se espalhou por toda a Inglaterra,

“E nos anos de 1811 e 1812 ocorreram em todo o país manifestações desse tipo que, em homenagem ao gesto inaugural de Ludd, recebem o nome de ludismo”.(TOTA; BASTOS, 1994, P. 114)

. Foi dentro deste contexto de revoltas e de crescimento urbano e populacional, que surge, também, na Inglaterra as idéias de controle de natalidade. Para Thomas Robert Malthus, a causa da miséria das populações pobres era decorrente do próprio aumento populacional, principalmente desta classe. Assim ele escreve

“seu Primer Ensayo la Población em 1798: em 1803, publica sua segunda edição, ampliada e reelaborada”.(DAMIANI, 1991, p11-12).

Estas idéias provocaram várias tentativas de controlar o aumento da população mundial e principalmente da população urbana na Inglaterra.

Segundo ele, a causa verdadeira dessa miséria humana não era a sociedade dividida entre proletários e trabalhadores, entre ricos e pobres. A miséria seria, na verdade, um obstáculo positivo, que atuou ao longo de toda história humana, para reequilibrar a desproporção natural entre a multiplicação dos homens – o crescimento populacional – e a produção dos meios de subsistência – a produção de alimentos. (Idem, p. 13).

Ludismo

Foi originado no Séc. XIX na Inglaterra, na cidade de Nottingham quando um operário, Ned Ludd, convencido de que as máquinas eram a causa da miséria de sua classe, destrói todos os teares de uma fábrica de tecidos).

Ainda segundo o mesmo autor, se fossem dadas as condições de melhoria das vidas dos pobres eles se multiplicariam cada vez mais rápido, a pobreza se alastraria e o Estado iria à falência, conforme ele mesmo descreve:

Uma sociedade igualitária estimularia nascimentos, dessa forma estendendo a todos a pobreza. A luta pela sobrevivência, nessas condições, faria triunfar o egoísmo. Malthus discorda, inclusive da assistência do Estado aos pobres, considerando-a nefasta, porque diminuindo a miséria a curto prazo, favorece o casamento e a procriação dos indigentes.(Idem, p. 14).

Como vimos, suas idéias eram absurdas, mas, mesmo assim, são implantadas por vários governos no mundo. Posteriormente, surgiram vários críticos de suas teses e o controle da população passou a ser criticado, mas os países criaram leis para controlá-las, como é hoje o caso da China.

As análises e os estudos feitos por economistas, geógrafos e estatísticos começaram a revelar outro quadro da população mundial. Foi criado o crescimento vegetativo, que é a diferença entre as taxas de nascimento e de mortalidade. Os países que evoluíram mais rápido no processo de melhoria da qualidade de vida fizeram diminuir a mortalidade, a princípio, mas a sua população continuou aumentando. Posteriormente, além das taxas de mortalidade, também, caíram as taxas de natalidade, provocando o envelhecimento de suas populações, como ocorre hoje em países europeus.

Com as inovações na Medicina e as vacinas, como também a melhoria progressiva de infra-estrutura básica, como esgoto, pavimentação, drenagem, as epidemias começaram a ser controladas, pelo menos na Europa. Isto fez caírem as taxas de mortalidade e aumentarem as de natalidade. Portanto era necessário distribuir a população para as demais regiões que estavam sendo ocupadas. O capitalismo imperialista necessitava, cada vez mais, de mercado consumidor e de mão-de-obra barata. Dentro deste contexto é que o território brasileiro foi sendo estruturado, agora com a independência política, mas em bases econômicas imperiais.

Durante o século XIX e início do século XX, o território brasileiro passou por várias transformações em que o povoamento do interior foi intensificado pela abertura de milhares de estradas e construção de pontes, além da instalação de uma grande rede ferroviária nacional, seguindo a influência da ferrovia americana, que tinha feito muito sucesso com a conquista do Oeste e o que provocou o seu povoamento.

No Brasil, outras fontes de matéria-prima se destacaram na época, como o ouro que estava se esgotando e o início da plantação de algodão e borracha. Entretanto, o comércio da borracha entrou em crise no final do século XIX. No início do século XX, tentaram realizar vários

projetos em busca de manter o comércio e a produção, mas já existia concorrência na Ásia, onde a borracha tinha melhor qualidade e era mais barata. Inclusive

“Houve tentativas de recuperação nos anos 30, quando o milionário americano Henry Ford instalou no Tapajós os enclaves de Belterra e Fordlândia para a cultura de seringueira, mas os projetos não tiveram sucesso e ele retirou-se da área”. (ANDRADE, 1999, p.37)

Isto reflete uma das tentativas de expandir a produção e o comércio de um dos produtos nacionais, mostrando o interesse do capitalismo internacional em criar novas filiais no Brasil. Outro produto que foi de grande importância para a economia brasileira, na época, e que o Brasil é grande exportador, foi o café que teve origem na Ásia e que se adaptou às condições de solo e clima, no Sudeste do Brasil, mais especificamente em São Paulo. O café e a cultura do algodão foram plantados em outras regiões que favoreceram o povoamento e marcaram presença significativa na economia do Sudeste e Sul do Brasil. Desta forma, a expansão do comércio do café deslocou o centro econômico do Nordeste para a região Centro-Sul do Brasil.

AS REBELIÕES E REVOLTAS

No século XIX, em meio ao crescimento urbano e aumento populacional favorecido pelas migrações, outras questões mudam os rumos das preocupações. Proliferam, por várias regiões do país, rebeliões e revoltas que marcaram parte do século XIX e revelaram grandes insatisfações, tanto dos negros, como dos brancos sem posses. Entre elas, podemos destacar a cabanagem, contestação política ocorrida no Pará, organizada pela população pobre, que tentaram derrubar o poder de uma província em 1837, mas pouco tempo depois foram derrotados. Na mesma época, em 1835, ocorreu a revolta do malês, em que os negros muçulmanos de Salvador organizaram a maior rebelião de escravos ocorrida no Brasil.

Outra revolução ocorreu no Rio Grande do Sul, entre os liberais e conservadores contra a centralização política do império Brasil. Na Bahia, ocorreu outra revolta, quando os liberais se revoltaram contra o centralismo do Rio de Janeiro e utilizaram até armas para defender o direito à autonomia provincial.

Já no Maranhão, onde a economia se baseava no algodão e na pecuária, ocorre a Balaiada, que foi uma revolta liderada por escravos, pobres e semi-assalariados brancos e mulatos que não suportavam mais a miséria em que viviam, as condições de trabalho e o salário irrisório, além da humilhação por parte dos patrões, ricos e políticos.

Outras guerras (como a guerra do Paraguai) e outras revoltas como a de Canudos (ocorrida na Bahia nos últimos anos do século XIX, liderada

por Antonio Conselheiro) marcou a última tentativa de se fazer uma sociedade igualitária, sem impostos, sem propriedades, onde todos plantavam e colhiam em igualdade, mas foram massacrados pelo exército.

Inclusive o poeta Euclides da Cunha escreveu o livro ‘Os Sertões,’ onde escreveu sobre Canudos e se tornou uma grande obra literária. Em contradição com a ação repressiva sanguinária do exército, foi assinada, em 1888, a Lei Áurea, que decretou o fim da escravidão no Brasil. Mas mesmo assim, por vários anos continuaram traficando escravos de forma clandestina. Com o fim do tráfico negreiro, em 1850, a mão-de-obra começou a ficar escassa e pagar ao negro livre se tornou um grande problema para os senhores de engenhos e donos de fazendas. Com o pagamento viria o prejuízo e, além disto, foi criada a Lei das terras, também em 1850, “a nova Lei de Terras proibia a aquisição de terras públicas por qualquer outro meio que não fosse a compra, na esperança de por fim nas formas tradicionais de adquirir terras mediante a ocupação e doações da Coroa”.(FLORIDO, 1999, fascículo 7, p. 443).

De forma geral foi assim que se estruturou o território brasileiro, através de guerras, revoltas e conflitos. Todos estes acontecimentos refletiam os fatos históricos que estavam ocorrendo na Europa e nos Estados Unidos, principalmente. A Revolução Francesa, ocorrida em 1789, influenciou também no Brasil as idéias de independência e justiça, ocorrendo a inconfidência mineira. Mas o movimento foi derrotado por traição de um dos membros.

No final do século XIX, o Brasil tinha passado de uma economia escravista para o início de uma economia de trabalho assalariado. Isto deu outro impulso para a população e para o crescimento urbano, que foi estimulado pelas imigrações, o que forneceu milhares de mão-de-obra, e também como consequência da Revolução Industrial foi instalada a indústria têxtil no Brasil e ocorreram várias transformações nas técnicas de produção, ano a não, o que estimulou mais ainda a urbanização dos centros maiores. No final do século XIX, as cidades passaram por várias reformas urbanas, tais como: iluminação, ruas mais largas, novas praças e novos jardins; o abastecimento de água melhorou e se expandiu pelas cidades.

Em 1872 as ruas de São Paulo receberam iluminação a gás. Antes até, Recife era servida pela linha de bondes. Dessa data até 1895 sistemas de transportes coletivos foram implantados em várias capitais, como Salvador, São Luis e São Paulo. Em 1870 já existia a comunicação telegráfica entre as principais cidades do país e também entre o Brasil e a Europa.(Idem, fascículo 9. p.544-545).

A VIDA URBANA NO SÉCULO XX

O processo de melhoria da infra-estrutura urbana fez com que a migração para as cidades maiores fosse cada vez mais crescente. Assim, a população das cidades aumentava rapidamente e com ela crescia o conflito inerente a uma sociedade de classes, uma vez que a grande maioria não tinha condições de usufruir destas benesses urbanas, assim.

“Claro que começou a surgir também a diferenciação do espaço urbano. Onde havia o melhoramento público eram erguidos as ricas residências e o comércio, ou vice-versa. As camadas mais pobres acabavam afastadas para a periferia, e surgiam assim os primeiros bairros operários”, (Idem, Fascículo 9. p.545)

Com a proliferação de vários bairros operários, ia-se formando uma periferia urbana nos grandes centros, o que propiciou a formação de uma estratificação social em várias regiões do Brasil, até que, no século XX, outros problemas passaram a surgir, decorrentes da grande concentração populacional nas grandes cidades. As epidemias surgiam e matavam milhares, como a dengue, a varíola e outras que interferiram no controle populacional.

No início do século XX, o Brasil passou por novas transformações nas suas relações de produção, pois foi dado início a um processo de industrialização, influenciado pelas inovações tecnológicas, ocorridas na Europa, pós-Revolução Industrial. Assim, foi iniciada a expansão industrial com iniciativa dos governos locais, mas também graças ao financiamento de capitais estrangeiros. Proliferaram as ferrovias por grandes extensões e os bondes passaram a ser freqüentes nas grandes cidades do Brasil. A maioria das fábricas era artesanal, como as de ferraduras, mas também surgiram fábricas de tecelagem, metalurgia e a indústria automobilística começa a operar no Brasil.

O Brasil, que tinha passado por vários ciclos de produção, tais como o açucareiro, depois a pecuária. Mais tarde, o ciclo da borracha, do algodão e posteriormente do ouro, que entra em decadência e a economia passou a ser sustentada, na produção e exportação do café até o início do século XX.

No início do século XX, o Brasil tinha grandes estoques de café para o mercado interno e internacional; então os produtores continuaram a expandir suas plantações, mas começaram a surgir os problemas, visto que os bancos internacionais não estavam mais financiando os produtores de café.

Começava a crise da bolsa de valores nos Estados Unidos. No ano de 1929, esta crise chega a níveis catastróficos e ocorre a quebra da bolsa de valores de Nova York. Com isto, o preço da saca de café caiu radicalmente, acarretando a falência de vários produtores no Brasil e a economia entrou em crise. Mas, na década de 1930, o Brasil procurou com sua própria estrutura econômica, política e financeira, sair da crise e no final desta década já estava com uma economia mais sólida, determinando uma **divisão territorial do trabalho**.

Divisão Territorial do Trabalho

É a divisão que existe entre os países ricos e pobres, no sentido da qualificação da sua mão-de-obra. Os territórios existentes nos países ricos foram sendo qualificados como países exportadores de produtos industrializados, desde a Idade Moderna, e mão-de-obra especializada. Já os países do sul, com exceção da Austrália, foram sendo impedidos de acompanhar este processo e, portanto, continuam, até hoje, sendo consumidores de produtos industrializados mais avançados e exportadores de produtos industrializados de ‘segunda e até terceira’ categorias e ainda exportadores de produtos primários. A mão-de-obra dos países do sul continua, na sua grande maioria, desqualificada ou pouco qualificada. Historicamente, no Brasil, foi sendo configurada esta separação entre as regiões nordeste e norte subdesenvolvidas/agro-exportadoras e o centro-sul desenvolvido e industrializado.

“Nos primórdios da década de 30 deste século, na seqüela da Revolução, o Estado intervirá na economia açucareira do país como um todo, criando o instituto do açúcar e do álcool, cuja missão primordial era na verdade estabelecer uma divisão regional do trabalho da atividade açucareira em todo país, emergindo já com muita força a produção de açúcar nos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro”. (OLIVEIRA, 1993, p.67).

Assim, além da formação do território nacional, as elites dominantes, no Brasil, também definiram desde o início do século XX, qual região deveria se desenvolver e qual continuaria dependente. Portanto, a configuração de uma divisão territorial do trabalho, no Brasil, estava sendo implantada, e foi sendo consolidada até hoje.

“ O desenvolvimento industrial da “região” de São Paulo começou a definir, do ponto de vista regional, a divisão regional do trabalho na economia brasileira, ou mais rigorosamente, começou a forjar uma divisão regional do trabalho nacional, em substituição ao “arquipélago” de economias regionais até então existentes, determinadas, sobretudo com suas relações com o exterior.”(Idem, p.74).

Neste contexto, foram criados vários órgãos regionais, como a Sudene (Superintendência e Desenvolvimento do Nordeste), no Nordeste, em 1959 e outros, nas demais regiões, com planejamentos periódicos e investimentos diferenciados nos parques industriais e na construção de portos, etc.2

CONCLUSÃO

Como vimos, nesta aula, a delimitação e formação do território brasileiro, começaram a partir do século XVI. O processo de ocupação e colonização começou pelo seu litoral, com o desmatamento e conhecimento da população autóctone. Do ponto de vista econômico, o Brasil passou por vários ciclos, tais como: o da cana-de-açúcar, o da criação do gado, o ciclo do algodão e da borracha, e mais tarde o ciclo da mineração. Neste sentido, o território foi sendo ocupado tanto ao longo de seu litoral, como também de seu interior. O processo de desenvolvimento da economia estimulou a sua urbanização que, no final do século XIX, impulsionada pelas novas indústrias e mão-de-obra migrante, deu novo impulso à economia e ao surgimento de novas cidades.

Para concluir, constatamos que o Brasil passou por grandes mudanças no seu território e que além de acelerar o aumento da população, o desenvolvimento industrial também disparou. Evidentemente, a dependência do capital internacional se aprofundou e a divisão internacional do trabalho colocou o Brasil no contexto mundial de desenvolvimento diferenciado das forças produtivas.

RESUMO

Estudamos nesta aula o processo de surgimento e formação do território brasileiro. Analisamos como ocorreu a sua ocupação, revelando os diversos ciclos econômicos pelo qual o País passou, tais como o da cana-de-açúcar, o processo de interiorização do Nordeste, com a criação do gado, de maneira extensiva. Revelamos também como os ciclos da borracha e do algodão deram outra feição à economia de seu território, despertando para os industriais de outros países a riqueza natural do Brasil. Vimos também como o processo de povoamento e da interiorização das regiões Sudeste e Sul mostraram a importância que os bandeirantes tiveram nesta conquista. Foi analisado também como a mineração, e principalmente, o ouro do Brasil, serviram para que ajudasse a Inglaterra a se consolidar como potência imperialista. Após a decadência do ouro, de inúmeras guerras e rebeliões ocorridas, o Brasil se tornou império, em 1822, por interesses da família real em se manter no poder, com privilégios, neste território e continuar com o apoio da Inglaterra.

No início do século XX, com a quebra da bolsa de valores de Nova York (1929), o Brasil perde o poderio econômico que a produção e exportação de café davam ao País. Entretanto, na década de 1930, os grupos oligárquicos e empresários se organizam e estruturam a economia e na década de 1940 há um novo impulso urbano e industrial. Assim, o território brasileiro estava consolidado e as suas regiões mais ou menos definidas. Neste período, proliferaram as pequenas cidades, ao redor das grandes e pequenas metrópoles, sendo formadas várias redes urbanas com o crescimento da hierarquia urbana nacional.

ATIVIDADES

Descrever o processo de formação do território brasileiro, exemplificando os diversos ciclos econômicos, dando destaque para o processo de urbanização.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para melhor entender o processo de estruturação do território brasileiro, é necessário fazermos um aprofundamento das leituras tanto de Celso Furtado, como de Caio Prado Júnior. Estes autores são reconhecidos internacionalmente pela solidez de seus estudos e



teses levantadas. Assim precisamos aprofundar o estudo destes autores para solidificar o entendimento do conteúdo desta aula. Outro livro que é completo e que não pode deixar de ser relido é o livro organizado por Jurandir Ross, que dissecou o Brasil em todos aspectos geográficos e de grande complementação histórica. Portanto, apenas esboçamos algumas idéias sobre esta temática.



AUTO-AVALIAÇÃO

Sou capaz de compreender as fases por que passou a economia no Brasil do século XVI ao século XX?

Percebo a importância dessas fases para o desenvolvimento das cidades?

Vejo que as características das cidades resultam do seu processo de ocupação?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **A federação brasileira**: uma análise geopolítica e geo-social. São Paulo: contexto, 1999.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- DAMIANI, Amélia Luísa. **População e Geografia**. São Paulo: contexto, 1991.
- FLORIDO, Janice. **Coleção Brasil 500 anos**, v. 7. São Paulo: Nova cultural, 1999.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 27 ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1998.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Religião**: Sudene, Nordeste, planejamento e conflitos de classes. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.